

PATIOS MILITANTES: A JUVENTUDE DO PASSADO, PRESENTE E FUTURO NOS DISCURSOS DE CRISTINA KIRCHNER

Luiza Giannotti Troccoli
USP

RESUMO

A partir do ano de 2013, na Argentina, começam a ter lugar os chamados *Patios Militantes*, momentos em que a então presidenta Cristina Fernández de Kirchner recebia as juventudes de organizações de sua base de apoio nos pátios da Casa Rosada, proferindo discursos que sucediam suas cadeias nacionais. Esses Patios Militantes se tornaram recorrentes, sendo momentos de interlocução direta com a militância política jovem ao longo de todo o seu segundo mandato. Com o passar do tempo, se converteram em espaço privilegiado para a construção de um coletivo de identificação: *a juventude militante política*. Esse coletivo é representado aglutinando a juventude do passado (geração de 70 da ditadura militar), a juventude atual e a projeção de juventude do futuro. Essa construção identitária será usada como forma de interpelar a juventude do presente de modo a construir um espaço de legitimação dos governos de Cristina Kirchner. Nosso trabalho parte da perspectiva da análise do discurso de linha francesa e se debruça sobre discursos proferidos durante os Patios Militantes. Observaremos em especial uma operação discursiva de construção de uma “genealogia da juventude militante”. Nela se conectam a juventude da geração de 1970 (da qual a mandatária faz parte) e a juventude militante da atualidade, em uma construção da temporalidade que funde o acúmulo da juventude do passado, do presente e a projeção de futuro.

Palavras-chave: Patios Militantes; Juventude; Discurso político; Cristina Kirchner

Apresentação

O presente artigo faz parte dos trabalhos realizados no marco do projeto de mestrado “Patios Militantes: A juventude nos discursos de Cristina Kirchner”, dentro do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP).

Dentro do tema mais amplo que vem sendo abordado pelo trabalho de mestrado, recortaremos um aspecto em especial dos discursos de Cristina Kirchner no que tange à sua relação com a juventude kirchnerista: o funcionamento da temporalidade para a construção de uma “genealogia da



juventude”, que nucleia juventudes de distintos tempos históricos em um mesmo coletivo de identificação.

Para compor nosso trabalho, faremos a análise de fragmentos de discursos dos chamados *Patios Militantes*, encontros que ocorreram entre os anos de 2013 e 2014 nos quais a então presidenta argentina discursava para os jovens de sua base de apoio nos pátios internos da casa de governo na capital federal Buenos Aires, conhecida como Casa Rosada.

Introdução

Os governos de Néstor Kirchner (2003-2006) e Cristina Kirchner (2007-2014), na Argentina, podem ser apontados como um período de reativação do protagonismo da juventude na cena política nacional (Flax, 2015 e Di Marco, 2012).

Passada a grande crise e a onda de mobilizações na Argentina no ano de 2001¹, Néstor Kirchner (doravante NK) é eleito em um contexto de grave crise de representatividade e necessitava abrir campos de diálogo com amplos setores da sociedade para constituir uma base de apoio em torno do governo. Nesse cenário, se iniciam movimentações no sentido de aproximação com a juventude que irão se desenvolver e atravessar também os mandatos de Cristina Fernández Kirchner (doravante CFK) alguns anos depois (Di Marco, 2012).

A partir do ano de 2013, já no segundo mandato de CFK, começam a ter lugar os chamados *Patios Militantes* (doravante PsMs), momentos em que a então presidenta recebia as juventudes de organizações de sua base de apoio nos pátios da Casa Rosada, proferindo discursos que sucediam as chamadas *cadena nacionales*². Esses PsMs se tornaram recorrentes, sendo momentos de interlocução direta com a militância ao longo de todo o seu segundo mandato. Com o passar do tempo, se converteram em um espaço privilegiado para a consolidação da identidade política da juventude kirchnerista e de apoio ao governo, e marcaram o

¹ O ano de 2001 na Argentina foi marcado por uma onda de intensas mobilizações por conta das altas taxas de desemprego e inflação. A palavra de ordem que se popularizou na época “que se vayan todos” demonstra um sentimento de deslegitimação dos políticos vindo de grande parte da população, gerando um cenário de pouca governabilidade. (Braga, 2016)

² Declarações oficiais da presidência em cadeia televisiva



processo de aproximação do kirchnerismo com a juventude que se iniciou com NK e tem continuidade com CFK.

Observaremos nos discursos proferidos nos PsMs o funcionamento de alguns aspectos que contribuem para a construção de uma identidade comum através do que chamaremos uma *genealogia da juventude*. Isso porque essa identidade é representada na forma de um coletivo que nucleia a juventude da década de 70 (da qual CFK faz parte), a juventude da atualidade e uma projeção de juventude do futuro. É dizer, “a juventude militante” em seu percurso ao longo da história recente argentina.

Para ter acesso ao corpus de análise – os discursos proferidos nos PsMs – utilizaremos prioritariamente o livro *Patios Militantes: Diálogos de Cristina con los jóvenes, la construcción de una nueva mayoría*, um compilado feito pelo jornalista Gustavo Cirelli, bem como as transcrições e vídeos desses discursos reunidos no site oficial da presidência e site particular de CFK³. Para realização das análises, nos apoiaremos na Análise do Discurso de linha francesa de Pêcheux em diálogo com a Teoria da Enunciação, de Eduardo Guimarães.

A genealogia da juventude

A “Genealogia da juventude” é um funcionamento que podemos identificar no discurso de CFK que constrói uma linha condutora que conecta a juventude da década de 70 (da qual CFK faz parte) que lutou no período da ditadura militar argentina, a juventude da atualidade (a quem os discursos se dirigem), e uma projeção de juventude do futuro. Essa linha condutora que conecta as gerações as posiciona em um mesmo coletivo de identificação, construindo o imaginário da “juventude militante” ao longo da história da Argentina.

Nos PsMs, podemos observar que a enunciativa estabelece um procedimento de relato testemunhal que não só dá bases para sua construção argumentativa sobre o tempo presente, mas também projeta uma latência de futuro, sendo a ação da juventude militante um elo entre essas três

³<https://www.cfkargentina.com/> [último acesso em 2 de outubro de 2020]

<https://www.caserosada.gob.ar/> [último acesso em 2 de outubro de 2020]



temporalidades. O relato, como nos coloca Sarlo (2005), é um processo de memória que se faz sempre desde o momento presente. Segundo a autora, a narração inscreve a experiência não no tempo de seu acontecer, mas no tempo presente da enunciação, colocando-a no campo da lembrança. Nesse sentido, a rememoração é sempre um processo de sobreposição de tempos, apresentando uma leitura do passado a partir do presente.

No caso analisado, podemos observar nesses discursos que o resgate da juventude da geração de '70 funciona como a base para a caracterização da juventude atual, considerada herdeira desse tempo passado. Ao mesmo tempo, a significação dada a essa juventude do passado também não escapa aos valores e interpretações fundados na enunciação que se dá no presente. Além disso, a relação de complementaridade que se constrói entre os jovens do passado e do presente projeta um futuro que se coloca nessa linha temporal como aquele que será fruto desse processo contínuo. Por fim, vale notar que essa relação temporal entre as juventudes se realiza a partir da ação política e, portanto, não é qualquer juventude e sim a "juventude militante" ainda que não enunciado dessa forma, o que constrói também um vínculo não apenas entre essas juventudes mas também entre essas gerações e a história da Argentina. Sendo assim, esse discurso posiciona os jovens da atualidade e sua militância como uma continuidade das lutas que se iniciaram no passado. A juventude do presente é interpelada a absorver a acumulação do que veio antes e a construir as bases para o que virá no futuro.

Vejamos o seguinte fragmento de um Pátio Militante ocorrido em 31 de julho de 2014:

Para mí la historia no es la próxima elección, para mí la historia no es el calendario electoral, para mí **la política es**, precisamente, la historia, **la historia de generaciones y generaciones que lucharon por un país mejor**. Yo me siento comprometida con esas generaciones, **con las que pasaron, con las que están y con las que vienen**. Ese es mi verdadero calendario electoral.

Neste excerto, CFK explicita uma nova acepção do tempo, sintetizando-a na palavra **política**. Assim, a política e sua execução no presente é esse acúmulo de



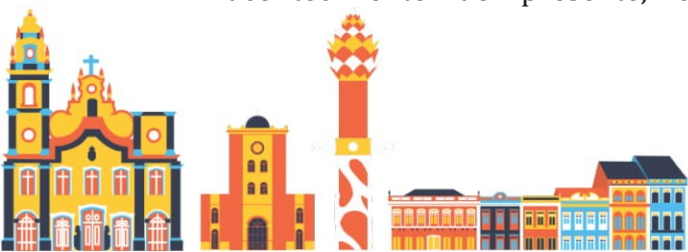
tempos. Ao expressar essa nova concepção temporal, ela também se contrapõe àqueles que concebem a política como “la próxima elección”, “el calendario electoral”, ou seja, uma temporalidade cronológica que não prevê a acumulação histórica, que vê presente, passado e futuro como entes independentes.

Podemos dizer, então, que a enunciação rememorativa de CFK acumula tempos que se condensam fundando uma nova temporalidade: rememoração do passado, afirmação do presente, e projeção de futuro se interconectam e se apresentam como um processo único.

Do ponto de vista da temporalidade da enunciação, Guimarães (2002), apoiado na Análise do Discurso de linha francesa, nos coloca que o ato mesmo de enunciar localiza o enunciado na história, o temporaliza ao retomar um memorável constituído por enunciações passadas, instaurar um presente e projetar uma latência de futuro. Essa nova instauração de uma temporalidade faz com que o enunciado signifique pelo que traz de memória e o que projeta de expectativa. Ou seja, aquele que enuncia nunca o faz sozinho, traz na sua própria voz as vozes daqueles que vieram antes. Tomar a palavra é necessariamente se colocar na história, construir significação. Logo, para o autor, a noção cronológica é abandonada, pois todos esses tempos coexistem na enunciação e significam em seu conjunto. Segundo ele:

Essa tomada de posição teórica dá um sentido bem específico e forte à consideração de que o acontecimento de linguagem não se dá no tempo, nem no tempo do locutor, mas é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nessa memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica) (Guimarães, 2002)

Esse conceito de temporalidade apresentado por Guimarães retoma o que Pêcheux havia caracterizado como o efeito de esquecimento do discurso. Ou seja, apesar de em sua materialidade o discurso se apresentar enquanto um acontecimento do presente, em sua constituição ele instala essa nova



temporalidade através da memória que necessariamente evoca. Nos discursos que estamos analisando, o próprio enunciado posiciona a si mesmo na história, enuncia a sua historicidade. Podemos dizer, então, que a inscrição do discurso de CFK na história se dá em dois planos: no plano do dizer, como é de praxe, uma vez que toda enunciação, por definição, se inscreve na história; mas também no plano do dito, pois o conteúdo do que se diz explicita essa questão.

Com base nesses apontamentos de Guimarães vemos reforçada a já mencionada relação entre essas juventudes e os conceitos de política/história, e vemos como essa “juventude militante”, que incorpora diversas gerações, se apresenta como parte da história política nacional argentina e mais que isso, como ator protagonista em sua construção. Localizar a si mesma (CFK) e aos que a escutam enquanto parte fundante da construção histórica nacional garante uma grande potencialidade na interpelação dessa juventude do presente na construção do futuro. O discurso chama à ação, à ação de construir um futuro histórico nacional e isso passa, necessariamente, pelo apoio ao governo de CFK e ao mesmo tempo a posiciona como a direção e condução desse processo.

Podemos observar os aspectos mencionados também no seguinte fragmento de um PM em 2 de abril de 2014:

Por eso, **hoy somos algo más de lo que éramos. Fuimos sumando.**

Y eso es, de eso se trata la política, de ir sumando todo lo positivo y lo que equivocamos rectificarlos.

[...]

En realidad, yo les agradezco infinitamente el amor, el amor de todos estos años y estoy absolutamente convencida de que **hemos sembrado en tierra fértil.**

A imagem da *suma* (“soma”) retoma a ideia da acumulação de tempos, de uma construção que se iniciou no passado e que a juventude do presente dá continuidade. Também nesse sentido, aparece a imagem da *siembra* que coloca a ação política do passado e do presente como um mesmo processo, algo que foi semeado no passado e que está germinando. Ou seja, apesar de não terem



testemunhado os mesmos períodos da história, todas essas gerações de jovens são inseridas nesse mesmo coletivo, em uma genealogia que se funde e se faz presente no momento da enunciação.

Abaixo vemos um excerto de 22 de janeiro de 2014:

Yo nunca vi en una movilización pese que muchos de los que **marchábamos** lo **hacíamos** con nuestras parejas, besarse en una movilización. Y, sin embargo, en las movilizaciones de **ustedes** veo a los chicos que están de novios besarse en medio de una movilización, alegres, felices con sus compañeras, con amor, con esperanza. Y entonces digo, **hemos construido** una juventud sin odios, **hemos construido** una juventud con amor, con amor por la política, con amor por la paz, con amor por la Patria, sí, por la Patria, **los jóvenes, jóvenes que aman a la Patria**

[...]

Todo esto revela que **estamos en otra época, en otra etapa de la verdad**, que el sacrificio valió la pena, valió la pena porque hoy hay un montón de jóvenes.

No fragmento acima fica explícita a genealogia, pois CFK começa referindo-se à juventude da sua geração, que se apresenta com o uso de um *nosotros* exclusivo em **marchábamos** e **hacíamos**. Logo, é construída uma contraposição entre a geração anterior e a presente, marcada pelo uso de **ustedes** na descrição das manifestações da geração atual. Na sequência, porém, a dicotomia *nosotros-ustedes* é desmontada, dando lugar a um *nosotros* inclusivo: **hemos construido**, que envolve locutora e interlocutores. Mais adiante a dicotomização é novamente deslocada, pois a caracterização da juventude do presente como sendo uma juventude sem ódios, com amor à política, à paz e à Pátria dá lugar à outra juventude que representa a negação desses valores, ou seja, a contraposição não é mais em relação à juventude do passado, mas sim a um novo coletivo que não é identificado: a “juventude que não ama a pátria”. A menção a uma “nova etapa da verdade” também contribui na composição desse outro, construído como o antagonismo da *juventude militante* enquanto coletivo, mas que não é nomeado.

Recién cuando venía, bajaba del estrado, porque tengo que hablar sentada por la pata, me paró Hebe y me dijo: “No, no te equivoques - me dice - **nuestros hijos están ahí con todos tus pibes**”. **Ustedes son**. Gracias, muchas gracias (2



de abril de 2014)

Neste fragmento, é evocada a memória da ditadura militar argentina da década de 70 através do relato de um diálogo entre CFK e Hebe Bonafini⁴ durante um PM no qual Hebe afirma que “nuestros hijos” ou seja, os militantes mortos e desaparecidos pela ditadura estavam ali presentes “con tus pibes”, referindo-se à juventude atual que assiste ao discurso de CFK. A imagem construída, portanto, é a da fusão entre essas gerações e é reforçada pelo que diz CFK agora dirigindo-se à juventude: “ustedes son”.

Conclusão

Nos propusemos, neste trabalho, a identificar alguns elementos nos discursos de Cristina Kirchner em PsMs que contribuem para a construção identitária da *juventude militante*, identificada enquanto coletivo que aglutina a juventude do passado (geração de 70), a juventude atual e a projeção de juventude do futuro, como forma de interpelar a juventude do presente de modo a construir um espaço de legitimação do governos de CFK.

Identificamos um procedimento de interpelação que não só nucleia em um mesmo coletivo de identificação com as juventudes do passado, presente e futuro, mas também localiza a ação militante dos jovens da atualidade em uma linha sucessória de uma construção da política nacional que se inicia antes deles e que continuará no futuro. A memória coletiva do povo argentino com relação ao que foi o período da ditadura militar nesse país garante uma forte potência ao imaginário retomado no discurso de CFK, imprimindo também um senso de responsabilidade à juventude atual na continuidade dessa construção histórica. Dessa forma, a juventude é interpelada à ação política e os posiciona neste lugar de responsabilidade pela continuidade da ação, responsabilidade esta que se materializa no apoio ao governo e posiciona a própria CFK como a encarregada de conduzir esse processo e estabelecer essa conexão intergeracional.

⁴ Hebe Bonafini é uma das fundadoras das *Mães da Praça de Maio*, organização composta por mães de assassinados e desaparecidos pela ditadura militar argentina.



REFERÊNCIAS

CIRELLI, Gustavo. *Patios Militantes: Diálogos de Cristina con los jóvenes, La construcción de una nueva mayoría*. Buenos Aires: Gráfica Patricios, 2016

DI MARCO, Laura. *La Campora Historia Secreta de los herederos de Nestor y Cristina Kirchner*. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012

FLAX, Roco. La caracterizacion de la juventud peronista en el discurso de Cristina Fernandez de Kirchner. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 16 (1). Buenos Aires, 2015

GUIMARES, Eduardo. Enunciacion e acontecimento. In: *Semantica do acontecimento um estudo enunciativo da designaao*. Campinas, Ed. Pontes, 2002

PECHEUX, Michel. Delimitaoes, inversoes, deslocamento. In: *Cadernos de estudos*

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memoria e guinada subjetiva*. Traduao Rosa Freire d'Aguiar. Sao Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

